

**MICHEL FOUCAULT E SUAS TRAJETÓRIAS PELA A HISTÓRIA DA  
LOUCURA**

**Fátima Saionara Leandro Brito\***

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

saionaralleandro@hotmail.com

*“A loucura é o exterior líquido e  
jorrante da rochosa razão.”*

(Michel Foucault)

O outro, o estranho, o doente, o anormal... Eis a nomenclatura que desenha e contorna os traços da loucura em nossa sociedade. Separados por fronteiras não apenas simbólicas, mas, sobretudo, fronteiras de concreto, visíveis e palpáveis, o *louco*<sup>1</sup> é negado e negativado através da fala e dos gestos exteriores a ele, os quais se inscrevem em seu corpo tal qual um ideograma, tatuando signos estranhos e alheios à sua existência. Dele, foi retirada a possibilidade de vivenciar as experiências existentes por sobre aqueles muros, os quais têm por função primeira, separar a “razão” da “não-razão”, ou, como queiram, o “normal” do “anormal”. O hospício constitui para estas *existências relâmpagos*, um ponto difuso e entrecruzado por discursos que os imprimem sob a luz da “verdade” médica, enquanto o *outro* em nossa sociedade.

O *louco* foi historicamente construído como sendo aquele que vaga pelo universo da racionalidade, aquele que balbucia sons indecifráveis para a tão sábia razão. Ele é a voz trêmula e incômoda aos ouvidos daqueles que se dizem sãos; aquele que emite sons mudos diante da surda razão, ele é o sujeito que ameaça a ordem, a normalidade, a sociedade, enfim, ameaça a vida. O *louco* é o avesso de nós mesmos, ele é aquele com o qual, não queremos falar, ver, tocar, tampouco, trocar experiências, paixões e desejos. Neste sentido, a loucura é negada, instaurando-se, portanto, uma relação de recusa, pois como afirma Michel Foucault, nós ocidentais, construímos uma estrutura de recusa, a

---

\* Aluna da Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (nível Mestrado). Assistida pela Instituição financeira CNPQ.

partir da qual, “denunciamos uma palavra como não sendo linguagem, um gesto como não sendo obra, uma figura como não tendo direito a tomar lugar na história.” (FOUCAULT, 2006, p. 153).

A proposta foucaultiana de trabalhar a loucura a partir de construções históricas nos possibilita pensar como esta passou a ser entendida enquanto doença mental e, desse modo, como lhe foi instaurada um lugar próprio com tratamentos específicos e um saber científico que tem por função decifrar sua “verdade” para em seguida tratá-la. Neste sentido, apropriamo-nos do percurso teórico/metodológico de Foucault, na tentativa de dar a ver a loucura enquanto produção histórica, pois, como afirma ele, esta “[...] só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isola e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam” (FOUCAULT, 2006, p. 163). Através dessa historicidade trabalhada por Foucault, podemos perceber em que momento a loucura passou a ser medicalizada e enclausurada nos espaços sombrios dos manicômios, recebendo inclusive, uma nomenclatura própria.

Assim, a partir do presente texto construímos um breve percurso teórico e conceitual para subsidiar as discussões em torno da doença mental, bem como, pensar as práticas clínicas no universo daqueles saberes que possuem o prefixo "psi". Nossa intenção é rastrear nas obras de Foucault que versam sobre loucura, as referências, os enfoques e os desdobramentos que elas trazem ao campo das práticas clínicas. Além disso, interessa-nos nestas obras os debates teóricos que suscitaram nos campos de saber que abordam o tema da loucura.

Seu primeiro livro em torno dessa temática, foi publicado em 1954, intitulado *Doença Mental e Personalidade*, o qual em 1962 foi reformulado e ampliado passando a receber o título de *Doença Mental e Psicologia*. No primeiro momento Foucault faz uma análise histórica apresentando o aparecimento da loucura e da psicologia como sendo um saber que instaura sentidos de verdade sobre a loucura, condenando-a e patologizando-a. Na segunda versão, introduz os elementos de sua pesquisa de doutorado, localizando a emergência da psicologia no século XIX, quando a loucura é varrida das cidades, passando a habitar um local próprio, ou seja, o hospício. Além disso, sua abordagem aponta para as distinções entre *medicina orgânica* e *medicina mental*, estando esta última fortemente atrelada às definições fenomenológicas de compreensão do sujeito. Seu enfoque é de que a psicologia nunca poderá dizer a verdade sobre a loucura, e que somente a literatura sob os nomes “de Holderlin, Nerval,

Roussel e Artaud é que promete ao homem que um dia, talvez, ele poderá encontrar-se livre de toda a psicologia para o grande afrontamento trágico com a loucura” (FOUCAULT, 1984, p. 86).

Foucault instaura em suas pesquisas sobre loucura o método arqueológico, embora o filósofo Marcos Nalli, defenda a idéia de que os textos produzidos em um momento anterior a *História da Loucura*, ou seja, antes de 1961, como é o caso de *Doença Mental e Personalidade*, sejam textos proto-arqueológicos, os quais segundo ele, receberam forte influência da fenomenologia, da epistemologia, do estruturalismo e da literatura, assim:

A arqueologia foucaultiana, em linhas gerais, teve como objetivo analítico investigar as condições de possibilidade – a um só tempo históricas e transcendentais – do surgimento e da formação dos discursos, especialmente aqueles com pretensão epistemológica de serem discursos verdadeiros. Tais condições de possibilidade foram tematizadas como externas, podendo ser antecedentes ou contemporâneas àqueles discursos pretensamente científicos. (NALLI, 2006, p. 15-16).

Entretanto, preferimos situar e nomear suas principais análises sobre a loucura no limiar do método arqueológico. A partir desse método, Foucault tal qual um arqueólogo escava com seus instrumentos teóricos a temporalidade referente ao conceito de loucura, para mostrar os processos de formações discursivas que deram visibilidade a esta enquanto doença mental. Em *História da Loucura* ele situa o aparecimento deste personagem enquanto um ser de negatividade, pois, durante a Idade Média a estilística das cidades na Europa volta-se para a lepra, já que esta representava a principal fonte de males existentes naquele período. Nesse sentido, passaram a ser instalados inúmeros leprosários nas principais cidades, para dar sentido de ordem e controle dessa doença tão perigosa e ameaçadora, a qual teve o seu declínio apenas no final da Idade Média. Conforme Foucault, “[...] a lepra se retira, deixando sem utilidade esses lugares obscuros e esses ritos que não estavam destinados a suprimi-la, mas sim a mantê-la a uma distância sacramentada, a fixá-la numa exaltação inversa.” (FOUCAULT, 2005, p. 6).

Ainda segundo suas abordagens, aos poucos um novo mal surge na sociedade, vindo substituir a imagem do leproso, este novo mal é a doença venérea, que passou a comandar o quadro de preocupações nas cidades no final da Idade Média. Contudo, segundo Foucault, torna-se importante ressaltar que o grau de intensidade e manifestação desta doença não se assemelhou à lepra, por isso, aos poucos as doenças

venéreas passaram a fazer parte do conjunto das outras doenças, ou seja, não suscitavam mais preocupações e não necessitava ser excluída do convívio com os demais personagens do social. Desse modo, para Foucault, não são as doenças venéreas que asseguraram o papel que cabia à lepra, papel este exclusivamente atribuído à loucura, mas que conforme ele afirma,

[...] será necessário um longo momento de latência, quase dois séculos, para que esse novo espantinho, que sucede à lepra nos medos seculares, suscite como ela reações de divisão, de exclusão, de purificação que, no entanto lhes são aparentadas de uma maneira bem evidente. Antes de a loucura ser dominada, por volta do século XVII, antes que se ressuscitem, em seu favor, velhos ritos, ela tinha estado ligada, obstinadamente, a todas as experiências maiores da Renascença. (FOUCAULT, 2005, p. 8).

Na Renascença a loucura passou a ser representada na literatura e na filosofia, a exemplo dos textos de Brant e Erasmo de Rotterdã e na arte através das pinturas de Bosch e Breughel. Porém, não tardou para que a loucura fosse tomada das mãos dos artistas e escritores e passasse a ser negativada através do internamento em asilos. Estes espaços asilares, configurados como lugares destinados aos miseráveis, ociosos e vagabundos, abrigava todos os indesejáveis sociais, estes mesmo espaços que em outro momento foram destinados à maldição da sociedade representada na figura do leproso, a partir de então, passou a abrigar a figura eminente do *louco*, dos vagabundos, desempregados, mendigos, ou seja, todas as maldições que habitavam as ruas da França<sup>2</sup> naquele momento.

Segundo Foucault, o internamento é uma criação própria do século XVII, é nesse momento em que surge o asilo, instituição que ocupou o espaço infecto e assombrado que em outro momento era conhecido como leprosário. A loucura passou dessa forma a ser enclausurada, escondida, encaixotada, tirada dos lugares que pudesse manchar a ordem e o brio das cidades européias. Porém, a experiência do internamento com medidas médicas de controle da loucura entendida como patologia, ainda não se fazia presente, uma espécie de varredura dos indesejáveis era feita nas ruas, desse modo, a loucura passou a dividir o espaço nos asilos com,

“[...] doentes venéreos, devassos, dissipadores, homossexuais, blasfemadores, alquimistas, libertinos: toda uma população matizada se vê repentinamente, na segunda metade do século XVII, rejeitada para além de uma linha de divisão, e reclusa em asilos que se tornarão, em um ou dois séculos, os campos fechados da loucura.” (FOUCAULT, 2005, p.102).

No século XVIII uma ruptura se instaura, a loucura passa a ser entendida como doença, neste momento uma série de discursos começaram a se delinear em torno do desatino, especificando uma geografia mórbida, na qual as doenças dos nervos passaram a ter visibilidade diante das práticas de cura, tais como: o uso do ópio, de mordidas de serpentes, duchas frias, entre outros procedimentos que visavam coagir não só as pulsões da doença, mas o próprio sujeito.

A partir de então, a loucura passou a constituir um problema em si e para si. Segundo Foucault, foi a primeira vez que se viram defrontados sistematicamente a loucura internada e a loucura tratada, a loucura aproximada do desatino e a loucura aproximada da doença, “Em suma é o primeiro momento desta confusão, ou desta síntese (como se prefira denominá-la), que constitui a alienação mental, no sentido moderno da palavra.” (FOUCAULT, 2005, p. 428).

Ainda para ele, essa idéia da loucura enquanto doença que necessita ser tratada/curada através de um aparato científico, tendo como suporte o saber clínico no sentido que conhecemos, ainda não era tão clara no início do século XIX. Até esse momento, o *louco* era tido como “monstro”. Desse modo, foi apenas com o surgimento de saberes como a psicanálise que foi atribuída à imagem do *louco*, outros sentidos que não apenas o do desatino, mas entra em cena o sentido patológico. A partir de então, emergiu inúmeros discursos, os quais deram visibilidade à loucura enquanto doença mental. Neste sentido,

A noção de loucura, tal como existe no século XIX, formou-se no interior de uma consciência histórica e isto de dois modos: primeiro, porque a loucura em sua aceleração constante, forma como que uma derivada da história; e, a seguir, suas formas são determinadas pelas próprias figuras do devir. Relativa ao tempo e essencial à temporalidade do homem: é assim que nos aparece a loucura tal como ela é então reconhecida ou pelo menos sentida, bem mais profundamente histórica, no fundo, do que ainda o é por nós. (FOUCAULT, 2005, p. 375).

Procuramos trilhar até aqui, o caminho seguido por Foucault em *História da loucura*, buscando instaurar uma historicidade, na qual o autor situa a loucura nos diversos momentos e as várias formas que era percebida, experimentada e encarada, na tentativa de mostrar que a loucura passou por um processo de formação discursiva que a elaborou enquanto doença mental.

Nas discussões presentes nesta obra, sobre o saber médico que permitiu à loucura ser reconhecida como doença e passar a habitar um espaço próprio – o hospício –

percebemos que inicialmente, Foucault associa Freud a Nietzsche, por ambos possibilitarem ao homem moderno, encontrar no fundo de si mesmo, o ponto de contestação de toda a verdade. Num segundo momento, ele alerta para importância de Freud, destacando o valor da psicanálise ao retomar a loucura ao nível da linguagem, e dar voz a esta experiência silenciada pelo positivismo, abrindo no pensamento médico, a possibilidade de um diálogo com a desrazão. Segundo Foucault, essa importância necessita ser ressaltada, já que é justamente esse diálogo com a experiência da desrazão que a psicologia no mundo moderno tentou ocultar, conforme ele afirma:

[...] toda a psiquiatria do século XIX converge realmente para Freud, o primeiro a aceitar em sua seriedade a realidade do par médico-doente, que consentiu em não separar do par nem seus olhares, nem sua procura, que não procurou ocultá-la numa teoria psiquiátrica bem ou mal harmonizada com o resto do conhecimento médico. O primeiro que seguiu rigorosamente todas as consequências desse fato. Freud desmistificou todas as outras estruturas do asilo: aboliu o silêncio e o olhar, apagou o reconhecimento da loucura por ela mesma no espelho de seu próprio espetáculo, fez com que se calassem as instâncias da condenação. (FOUCAULT, 2005, p. 502).

Em seguida, Foucault diferencia o papel exercido pela a psicanálise do papel exercido pela a psicologia. Enquanto a primeira, dá voz a desrazão; a segunda, tenta silenciá-la. Portanto, nesta primeira abordagem em torno de Freud, Foucault o aproxima, em grande medida, de Nietzsche estando, portanto, distante de Pinel e do saber psicológico.

Contudo, num segundo momento de suas análises Foucault contesta o papel da psicanálise e a relação libertadora que esta pretende instaurar com a loucura. Sua interpretação se apresenta na afirmação de que a prática psicanalítica reproduz o asilo, e que existe uma certa “continuidade” na dominação que vai de Pinel a Freud. Nesse momento, Foucault o distancia de Nietzsche, pois para ele a psicanálise,

[...] em compensação explorou a estrutura que envolve a personagem do médico; ampliou suas virtudes de taumaturgo, preparando para sua onipotência um estatuto quase divino. Trouxe para ele, sobre essa presença única, oculta atrás do doente e acima dele, numa ausência que é também presença total, todos os poderes que estavam divididos na existência coletiva do asilo. Fez dele o Olhar absoluto, o Silêncio puro e sempre contido, o Juiz que pune e recompensa no juízo que não condescende nem mesmo com a linguagem; fez dele o espelho no qual a loucura, num movimento quase imóvel, se enamora e se afasta de si mesma. (FOUCAULT, 2005, p. 502)

Através dessa trajetória traçada pelos saberes compostos pelo prefixo “psi”, percebemos que o início do século XIX, assinalou o momento em que a medicina, criticando seu passado e para justificar sua originalidade, se apresentou como medicina científica. Foi neste momento em que o espaço do asilo se transformou em manicômio, composto de todo um aparato científico que pretendia “revelar” a “verdade” da loucura, decifrar seus signos, entender e traduzir sua linguagem. Meio a essas pretensões, um novo personagem se apresenta, atendendo sob o codinome de “médico”, figura potente e temida, pois é ele quem detém o diagnóstico e a possível cura para aqueles sujeitos patologizados pela insanidade, assim, “pela primeira vez, no mundo ocidental, a loucura vai receber status, estrutura e significação psicológicos.” (FOUCAULT, 1984, p. 83).

Desta forma, o século XIX representa o território fértil para o surgimento da clínica, discussão feita por Foucault em seu livro intitulado *O Nascimento da Clínica*, publicado em 1963. Obra que nos possibilita perceber um deslocamento histórico em relação à medicina clássica, pois segundo Foucault, ao nível institucional uma nova articulação se evidencia: o hospital – até então órgão de assistência ao pobre e de preparação para a morte – torna-se local privilegiado do exercício da medicina tanto do ponto de vista da cura, quanto do ensino. A doença é o grande enfoque, ela tornou-se a partir do surgimento desta instituição, um problema público, um dever político e, acima de tudo, o alimento da medicina clínica que na figura do médico instaura um saber sobre o indivíduo, condenando-o enquanto um corpo doente.

Desse modo, Foucault transita, ultrapassa e estilhaça os limites que pudessem colocar a doença mental em um lugar de naturalidade, ele nos mostra a todo o momento através de suas obras, que a insanidade é algo contruído e reelaborado pelo saber médico, o qual também é efeito de historicidade. Uma outra obra que dissolve os lugares de naturalidade do louco é, *Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Este livro trata de um caso parricida presente no ano de 1835, onde a medicina mental, passa a firmar sua autoridade no campo jurídico, na tentativa de esclarecer se o criminoso é, ou não, normal, e conseqüentemente se ele é, ou não, responsável pelos seus atos.

Contudo, os trajetos de Foucault pela temática da loucura, suscitaram inúmeras críticas, algumas delas estando direcionadas às questões teórico/metodológicas, outras aventando questões de caráter pessoal. Ora, sabemos que a produção de qualquer escritor encontra-se atravessada pela subjetividade, ou seja, carrega em si as marcas da

existência de quem a produz. Porém, entendemos que uma crítica deve se instaurar em torno das posições teóricas, pois não se trata de adentrar o nível pessoal na tentativa de compreender o sujeito como busca fazer a psiquiatria ou a psicanálise, trata-se de dar a ver as questões que em 1961 a *História da Loucura* levantou revolvendo o solo sobre o qual se asentava a naturalização que circundava a loucura, e que hoje, ainda encontra-se remexido, rachado e instável. Como afirma Roudinesco “ Michel Foucault denunciava todos os ideais sobre os quais repousava seu saber. Ele destroçava a prolongada persistência do humanismo pineliano e declarava guerra a todas as formas de reformismo institucional.” (ROUDINESCO, 1994, p. 7).

Desse modo, *História da Loucura*, trata de um percurso histórico que rompeu o silêncio em torno da loucura, rompeu inclusive, amizades como a de Foucault com Jacques Derrida, pelas críticas lançadas em torno desta obra. Rompeu ainda, com a paralisia de campos de saber como a história, a psicanálise, a psiquiatria, a antropologia, a filosofia, enfim, adentrou inúmeros territórios estilhaçando as abordagens que circundavam o tema da loucura. Neste sentido Foucault nos ajudou a repensar algumas questões até então tidas como naturais e a partir de relações de poder e de formações discussivas, podemos afirmar que a história,

[...] então não é mais concebida como legado ou fardo a suportar, como havia percebido e denunciado Nietzsche, mas como rasgo temporal incessante, como dobra da temporalidade. Ela tem então função, como dizia Alphonse Dupront, ‘desdobrar o que o tempo endureceu.’ (DOSSE, 2004, p. 103).

Portanto, a proposta foucaultiana em seus trajetos pelo tema da loucura teve por função tornar visível, o fato de que a loucura, bem como, o saber médico configurado nas instituições psiquiátricas que a elaboram enquanto doença, são efeitos de uma historicidade, de tramas discursivas e não discursivas, de contingências próprias do tecido histórico, ou seja, que a loucura não é um dado fechado e natural.

Percorremos por entre as obras de Michel Foucault, para buscar compreender como se deu a produção histórica da loucura enquanto doença mental, nos deparamos com construções discursivas que elaboraram essa imagem tão temida e, portanto, silenciada, anclausurada e negatizada em nossa sociedade. Assim, podemos nos perguntar: qual seria o motivo de tamanho silêncio em torno do *louco* hoje? Será porque a Razão no alto de sua sabedoria, não conseguiu a tão pretenciosa meta de decifrar a

loucura? Estas são algumas das inúmeras questões em torno do silenciamento da loucura que nos inquietam e nos faz alçar outros vãos.

## Notas

---

<sup>1</sup> Ressaltamos que as palavras *louco*, *loucura* e *doente mental* são entendidas aqui enquanto conceitos, e como tal, é fruto de combates e conflitos históricos que lhes atribuíram ao longo do tempo, sentidos de verdade. Portanto, compreendemos que estes conceitos não são naturais, eles têm uma localização espaço/temporal, ou seja, foram construídos historicamente de acordo com as normas e as exigências da sociedade na qual encontram-se inseridos. Neste sentido, estes conceitos não são inerentes aos sujeitos, mas são elaborados para nomeá-los e assim produzir significados. Assim, as análises foucaultianas em torno destes conceitos são de grande importância para o presente trabalho, na medida em que possibilitam desconstruir algumas verdades erguidas em torno da *loucura*.

<sup>2</sup> Torna-se importante ressaltar que a pesquisa instaurada por Michel Foucault em torno da loucura ocorre na França, deste modo, não podemos estender o resultado de suas análises para toda a Europa, pois é do caso francês ao qual ele se refere.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: 2. ed. Tempo Brasileiro, 1984.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Clínica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da Loucura: na Idade Clássica**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

---

\_\_\_\_\_. **Problematização do Sujeito:** Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Coleção Ditos & Escritos Vol. I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Poder Psiquiátrico:** curso dado no Collège de France (1973-1974). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.** 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

DOSSE, François. **História e Ciências Sociais.** São Paulo: Edusc, 2004.

ROUDINESCO, Elizabeth (Org<sup>a</sup>). **Foucault:** leituras da história da loucura. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

NALLI, Marcos. **Foucault e a Fenomenologia.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

QUEIROZ André. **O Presente e o Intolerável:** Foucault e a História do Presente. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.